



n



n



n



abcde fghij klmno
pqrstuvwxy z
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

n



n



n



n



n



n



n



n



Handwritten signature.

LINGUAGENS

02
outubro
de 1987
PORTO ALEGRE

Revista de
REGIONAL SUL
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE SEMIÓTICA

Observação Preliminar

As diversas tentativas feitas, nos últimos vinte anos, para analisar de um ponto de vista semiótico o que se convencionou chamar de arquitetura esbarram sempre no mesmo obstáculo: o "domínio construído" não constitui, do ponto de vista do sentido, um sistema completo e autônomo¹. Para dar conta dele é necessário recolocá-lo em contexto e considerar simultaneamente a ação que aí se desenvolve: pode-se assim reconhecer os efeitos de sentido realizados em vez de projetar significações virtuais e apreender a dinâmica das transformações que escapam a toda observação do construído estático.

Em uma análise que leva em conta essas premissas, as questões de orientação espacial não deixam de colocar ao semioticista árduos problemas, porque os instrumentos provenientes da análise da linguagem verbal não estão bem adaptados a um tal empreendimento. É necessário apelar à geometria projetiva para definir a estrutura dos elementos orientados e depois reconhecer as diferentes configurações e suas combinações antes de poder decifrar o sentido e a ação.

Tendo realizado vários estudos desse tipo, fomos tocados pela recorrência da copresença de três sistemas de referência necessários à descrição dos fatores observáveis. Na medida em que nada permitia prever isso a priori, uma tal regularidade constitui uma descoberta que, mesmo sem um caráter local, apresentaria interesse por si mesma. Sua extensão em termos de semiótica geral a torna aplicável à análise de todo discurso complexo. Por causa disso, ela merece o interesse de todos os semioticistas.

Independentemente de seu interesse teórico, a projeção dessa regra e sua utilização enquanto modelo preditivo sobre casos particulares, permite obter resultados pertinentes no domínio da aplicação considerada. Citaremos diversas aplicações: no domínio da história da arquitetura, ela nos permitiu explicar a necessidade de elementos considerados como um

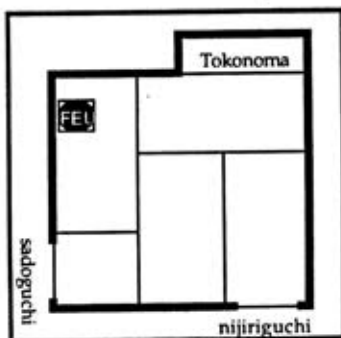
* Membro do Grupo de Pesquisas Sêmio-Linguísticas de Paris - Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais.

enigma até o presente; em história das ciências, ela permite explicar o avanço alcançado por Ampère sobre OErsted e Faraday na teorização do electromagnetismo (entre 1820 e 1823)², como ela dá uma chave de compreensão para as estruturas cognitivas empregadas por Einstein na sua explicitação da teoria da relatividade³. Sob sua forma generalizada, quanto às relações entre enunciado e enunciação, nós pensamos que essa regra é utilizável com proveito em todo objeto discursivo.

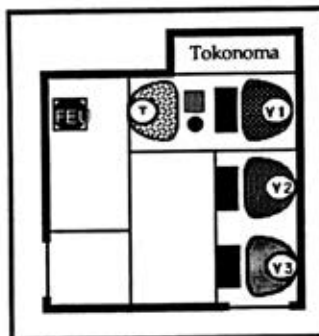
Extração da hipótese de base sobre um exemplo

No Japão, a prática da cerimônia do chá ocasionou a elaboração de um certo tipo de arquitetura dita "Sukiya". Restringiremos aqui nosso exame aos pavilhões de chá propriamente ditos e, no interior desses pavilhões, observaremos, em primeiro lugar, uma seqüência de ação antes de nos interessarmos pelos elementos tectônicos.

Um CHASEKI ou pavilhão de chá "normal" contém quatro tatames e meio (cerca de sete metros quadrados). Eis a disposição de verão:



Yojohan = "Quatro e meio"
Chaseki normal definido por
Sen No Sotan (1578-1658)



Lugares ocupados pelos visitantes
V₁, V₂, V₃ e lugar de Teishu T
no início da seqüência de Hassun

A seqüência do hassun⁴

Suponhamos que o senhor da casa (= TEISHU) receba três convidados. Após a refeição, e antes da preparação do chá espesso, teishu traz um recipiente metálico contendo saquê e uma bandeja (denominada HASSUN), em madeira de cedro bruto, contendo duas pequenas porções de alimentos: iguarias do mar e iguarias da montanha. Ele passa de um convidado a outro, servindo a cada um saquê e uma porção de alimentos do mar. Teishu retorna ao primeiro convidado para continuar o serviço. Então, o primeiro convidado lhe propõe: "Posso servi-lo de saquê? Ele responde: "Eu não tenho minha própria taça, posso utilizar a sua? O primeiro convidado se ca a sua antes de emprestá-la. Durante esse tempo, teishu gira a bandeja hassun em 180° e a coloca à direita do primeiro convidado; ele gira também o recipiente de chá e o coloca à direita do segundo convidado. E

le toma a taça estendida pelo primeiro convidado, vira-se em direção ao segundo convidado que lhe serve o saquê. Ele bebe. Nesse meio tempo, o primeiro convidado lhe serve uma porção das iguarias do mar e outra da montanha, reunidas sobre uma folha de papel dobrado à maneira de um prato. Ele aceita os alimentos oferecidos, mas não os come. O primeiro convidado gira a bandeja em 180° e a recoloca perto de teishu. Teishu está então ocupado em oferecer saquê ao segundo convidado, em troca da taça que acabou de lhe ser servida, depois ele oferecerá um pouco de iguarias da montanha ao primeiro e ao segundo convidado. Ele repetirá essa operação para o terceiro, servindo-lhe saquê e alimento após ter recebido do saquê.

Assim é, em termos simples, o desenvolvimento da seqüência sincrética do hassun: vêem-se pessoas que se deslocam, manipulam objetos e os consomem, trocando raras mensagens verbais. Nós a submeteremos à análise semiótica.

Sentido ligado aos movimentos

A troca verbal acima é relativamente banal, como praticamente todas as etapas da cerimônia. As trocas verbais são reduzidas a um mínimo e oferecem muito poucas chaves para a análise dos fatos não verbais. Ora, sem as operações não verbais, não haveria cerimônia, o chá não poderia ser preparado e não aconteceria grande coisa. É preciso então dar conta dos deslocamentos e das conjunções surgidas ao longo dessa seqüência e de ver em que são necessários à cerimônia (enquanto programas de uso regidos por um programa de base).

Retomemos a série de operações, a partir do momento em que o saquê é proposto a teishu:

- rotação: a bandeja e o recipiente do saquê (sakêiêre) são girados em 180° antes que alguma pessoa se sirva;

- translação: a bandeja e o recipiente do saquê são aproximados da pessoa chamada a se servir; os alimentos e o saquê são aproximados da pessoa a quem são oferecidos; teishu se desloca de um convidado a outro, ficando, cada vez, na frente de cada um;

- conjunção: a bandeja ou o recipiente do saquê são temporariamente tomados pela pessoa que se serve; os alimentos são ingeridos, o que, oposto à forma precedente, aparece como uma forma interiorizada da conjunção. Cada conjunção é precedida de uma translação que aproxima o objeto do ator destinatário que é assim determinado como sujeito de estado⁵. O ator desempenhando, a função de sujeito operador da translação é sempre diferente do ator sujeito de estado: ele é então determinado co

mo sujeito de fazer. Ora, a translação do objeto visa a aproximá-lo do ator sujeito de estado, a fim de que esse último possa pegá-lo: ela de sempenha então o papel de um programa de uso assegurando a competência (segundo o poder) ao futuro sujeito de fazer. Assim o ator, definido até então como sujeito de estado, vai tomar o objeto colocado a seu alcance e se tornará sujeito de fazer da nova ação que sucede à da translação.

Pode-se fazer a mesma análise para o movimento de rotação: o re cipiente do saquê, aproximado do ator chamado a se servir, é girado de maneira que sua alça seja comodamente disposta perto dele, e de maneira que o bico⁶ seja dirigido para a pessoa a quem o saquê será ofereci do.

Em consequência, os movimentos de translação e de rotação con correm para transmitir a modalidade do "poder fazer" à pessoa perto de quem o recipiente do saquê é colocado. Eles transmitem, além disso, a modalidade do "dever fazer", pois a ação se passa em silêncio, e a pes soa que vê o recipiente, assim aproximado dela, compreende que lhe é pedido servir o saquê e que lhe são dados os meios de fazê-lo. O ato solicitado está inscrito antes do desenvolvimento programado da reun ão, e seu caráter deontico decorre da norma imposta pelo ritual. Em resumo, os movimentos combinados de translação e de rotação virtuali zam e atualizam *hic et nunc* o ator próximo da localização final do re cipiente de saquê: ele é assim transformado e passa do estatuto de su jeito de estado ao de sujeito de fazer, ele pega o recipiente e serve saquê à pessoa designada pela direção do bico.

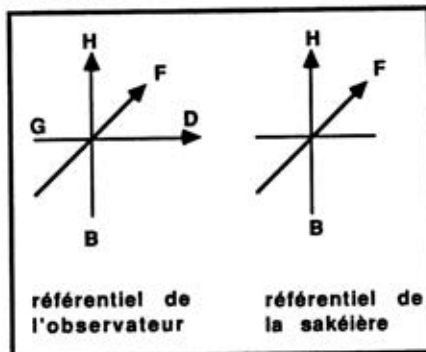
Essa breve análise não esgota as significações articuladas liga das às diversas configurações de movimentos. Nós não avançaremos mais, não só por falta de espaço como também porque os resultados acima são suficientes para o nosso propósito aqui: os movimentos são carregados de sentido e asseguram as transformações de sentido. Uma análise mais detalhada é, pois, necessária.

Configurações orientadas reveladas pelos movimentos

Toda translação do recipiente de saquê o conserva de pé. De um ponto de vista físico, isso assegura o não derramamento do saquê. De um ponto de vista geométrico, a invariância é limitada à direção vertical, orientada de baixo para cima na relação entre o recipiente e o saquê. Essa direção estável será reconhecida como eixo invariante na rotação que afeta a direção do bico vertedor: quando se direciona o bico para um ou outro ator, o recipiente gira em torno de seu eixo vertical.

Como, de outro lado, o bico vertedor constitui a frente do recipiente do saquê, e o corpo a parte posterior, pode-se reconhecer nesse recipiente um eixo prospectivo indo de trás para frente. Enfim, quando se serve o saquê, inclina-se o recipiente, fazendo-o girar ao redor de um eixo horizontal, atravessando seu corpo de parte em parte. Nada permite distinguir a direita da esquerda sobre esse último eixo: é pois um eixo transversal não lateralizado⁷.

Recapitulando os eixos considerados invariantes, ao longo dos deslocamentos, encontra-se para o recipiente um triedro trirretângulo, assemelhando-se fortemente ao triedro que permite ao observador antropomorfo orientar-se por si mesmo no espaço: um eixo vertical indo de baixo para cima, um eixo horizontal prospectivo indo de trás para frente, e um eixo transversal horizontal perpendicular aos dois outros. A única diferença entre os dois triedros é a pertinência da distinção esquerda-direita para o observador e sua suspensão para o recipiente do saquê.



No domínio das ciências físicas e matemáticas, é convencional chamar REFERENCIAL⁸ tais triedros. Essa denominação é justificada pelo fato de que o triedro serve para localizar, ou "referir" os pontos do espaço e os movimentos desses pontos. Assim as rotações do recipiente de saquê são relacionadas a esses eixos: estava implícito na descrição em termos ingênuos, e é o que explicitamos pela análise.

A semelhança entre o triedro do observador e a do recipiente de saquê não é nem um fato casual nem uma coisa natural por si mesma, uma vez que se conhecem objetos, cujas propriedades geométricas e os movimentos fazem aparecer outras configurações referenciais. A título de exemplo, um cálice de vinho possui apenas um eixo vertical orientado, e um cacho de uva, destinado ao consumo, não é dotado de nenhum referencial.

O reconhecimento dos referenciais e sua colocação em relação

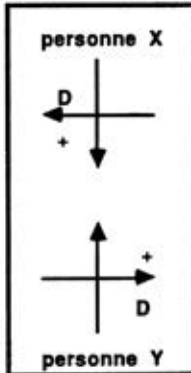
O reconhecimento dos sistemas referenciais resulta de um ato cognitivo que coloca o objeto em relação com o sujeito. Pois a direção de baixo/para cima não teria sentido se o sujeito observador não experimentasse a pertinência dos seus deslocamentos: um observador, não submetido às forças de gravitação e observando a terra de longe, não teria nenhuma razão de batizar baixo-alto qualquer uma das direções radiais que passam pelo centro da terra. Assim também, a direção prospectiva está ligada ao observador antropomorfo: uma bola dotada de capacidades cognitivas não teria nenhuma razão de escolher uma direção particular e de batizá-la prospectiva. Enfim, a distinção esquerda /vs/ direita depende das duas primeiras: basta colocar a cabeça embaixo e olhar no espelho para que as posições absolutas da esquerda e da direita sejam modificadas.

Em suma, o referencial triângulo de um objeto dado, seja o recipiente de saquê da cerimônia de chá ou um automóvel, é a configuração espacial condicionada por aquela que permite ao observador antropomorfo se orientar no espaço. Melhor: a análise dos procedimentos adotados pelos geômetras para orientar as superfícies complexas revela que eles colocam, em cada ponto da dita superfície, um observador virtual que se serve de seu referencial familiar para construir o referencial da superfície considerada. Esse tipo de operação é já conhecido em semiótica discursiva: trata-se de uma debreagem. Convém acrescentar que é um tipo de debreagem particular: atorialmente, ele especifica um observador cognitivo (capaz de ver, de reconhecer e de denominar) e pragmático (capaz de se deslocar); especialmente, pode-se especificar a debreagem pelas condições de paralelismo (entre referenciais galileanos) ou pelas equações diferenciais (entre os referenciais einsteinianos, aplicam-se as transformações de Lorentz).

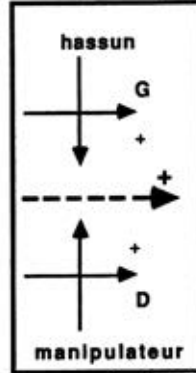
Voltemos aos deslocamentos do recipiente de saquê e consideremos a inter-relação dos referenciais implicados em cada operação: o recipiente é manipulado por S_1 , aproximado de S_2 e girado de maneira que sua parte posterior fique do lado de S_2 , enquanto o bico fica do lado de S_1 . Em consequência, a direção prospectiva do recipiente é posicionada em função da linha S_2 - S_1 . Três termos estão em relação, dotados cada um de um referencial próprio. Não haveria aí nada de extraordinário se a situação se reduzisse à de um objeto que circula entre um destinador e um destinatário.

Mas há mais: a situação de duas pessoas, frente a frente³, impõe a não conformidade da direção de suas lateralidades dominantes, uma vez

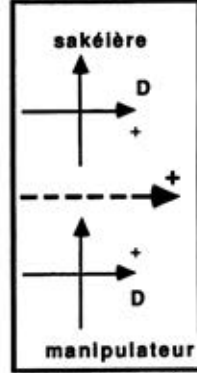
que a direita de um corresponde à esquerda de outro. Elas se encontram desde então num espaço local anisotrópico não dotado de uma direção do minante suscetível de regular sua interação, e esta é reconhecida como polêmica. Ao contrário, uma situação onde uma direção dominante é comum às duas instâncias da interação é uma situação contratual: a direção dominante é a de uma instância destinatária comum¹⁰.



espaço anisotrópico polêmico
sem direção dominante única



espaços isotrópicos contratuais tendo,
cada um, direção dominante única

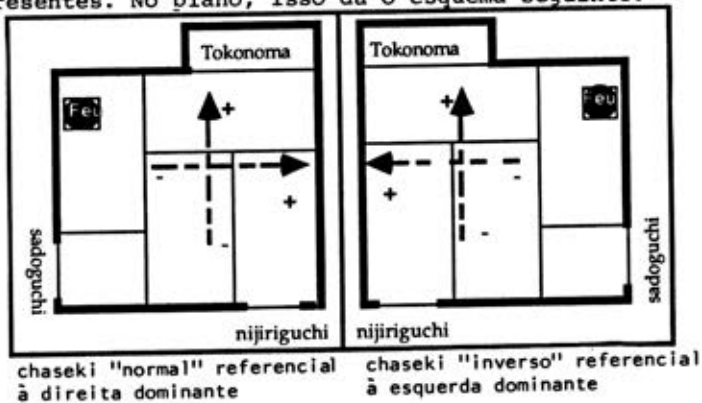


À luz do que precede, o face a face de teishu e de cada um de seus convidados determina pois, a priori, uma situação polêmica. No nível da análise da seqüência, a troca do saquê aparece como criadora de uma situação contratual (que leva à constituição de um actante coletivo mas isso vai nos ocupar mais adiante). *Essa transformação semio-narrativa é localizável na escala das micro-seqüências constitutivas da circulação espacial do recipiente de saquê: a cada translação, o recipiente sofre uma rotação para que seu referencial próprio se modele ao referencial da pessoa que o recebe, i. é., para que ele esteja em situação contratual com o referencial da pessoa. Por esta seqüência de situações semelhantes e recorrentes, a translação-rotação do referencial do recipiente assegura a transformação da situação polêmica determinada inicialmente pelas posições relativas dos referenciais de teishu e de cada um de seus convidados: ela produz a suspensão da situação polêmica, negando-a, antes que a conjunção com o saquê estabeleça a situação contratual.*

Em resumo, a introdução do referencial terceiro do recipiente de saquê entre os referenciais de teishu e do convidado desempenha o papel de um agente operador participante da transformação ritual de uma situação polêmica em situação contratual. Essa mesma dinâmica está presente num outro caso onde os atores antropomorfos estão ausentes, e onde as relações polêmica e contratual são reconhecidas entre "topoi"¹¹ arquitetônicos.

A parede operadora

O chaseki "normal" de quatro tatames e meio, ilustrado abaixo, é um espaço, dominante à direita, como se deduz da análise das operações dinâmicas e das relações estáticas manifestadas: toda pessoa que entra se levanta sobre seu pé direito, atravessa a porta com o pé direito na frente, e cruza todas as fronteiras de tatames também com o pé direito na frente, se ela vai em direção ao tokonoma, o fogo ou o chá (são as direções ditas "ascendentes"). Ela se levantará com o pé esquerdo e atravessará as fronteiras com o pé esquerdo, se ela se dirigir para uma direção "descendente". Para toda pessoa sentada, o lugar a sua direita é superior àquele da sua esquerda. É assim que o terceiro convidado V_3 é inferior a V_2 , o qual é inferior a V_1 que, por sua vez, é inferior ao Tokonoma (é a alcova de honra). O conjunto dos atos e dos valores posicionais observáveis (os que acabamos de citar são exemplos eloquentes) faz com que se possa reconhecer no chaseki um referencial trirretângulo comparável, em todos os pontos, ao referencial antropomorfo de cada uma das pessoas presentes. No plano, isso dá o esquema seguinte:



Quando o lugar destinado a receber o chaseki apresenta restrições que tornam impossível a construção de um chaseki "normal", adota-se uma disposição espacial diferente, dita GEZADOKO (uma denominação menos técnica da mesma disposição pode ser traduzida por "saguão oposto"). Ocorre que uma grande parte dos chaseki considerados monumento histórico é do estilo gezadoko. Nessas arquiteturas, há sempre um pedaço de parede (pan de mur) que recebe um tratamento particular, e a tradição oral dos arquitetos do chá assinala-o como sendo o elemento mais importante da composição: ser mal sucedido na concepção corresponderia a ser mal sucedido no conjunto. Essa tradição não diz por que tal pedaço de parede é importante, nem diz por que é sempre INCOMPLETO: ele não vai nunca de parede a parede, mas interrompe-se num pilar intermediário, o qual

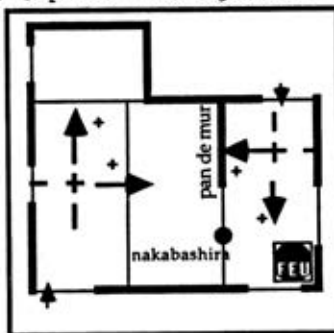
está fixado NO MEIO do espaço do chaseki (de onde a denominação de "na kabashira" ou pilar do meio); ele não vai também do chão ao teto, sendo interrompido antes de entrar em contato seja com um seja com outro.

A história da arquitetura não pôde jamais dar uma explicação desses elementos, atribuindo-os ao "sentimento estético" excepcional dos construtores geniais ... A utilização do conceito de referencial orientado, assim como o reconhecimento do estatuto polêmico ou contratual de referenciais, permite dar uma interpretação coerente. Como ela se apóia sobre uma regra recorrente, verificável em outros lugares e circunstâncias, esta interpretação adquire um valor explicativo. O que não é negligenciável.

Consideremos o chaseki denominado "Yodominoseki", monumento histórico construído por Kyoto (17^o s). O plano é o seguinte:



Yodominoseki (3 tatames)



Referenciais dos topoï

Perto do tokonoma, o topos dos visitantes é dotado de um referencial à direita dominante. Perto do fogo, o topos de teishu é dotado de um referencial à direita dominante. Entretanto, pela disposição do tokomona e do fogo, em dois cantos diametralmente opostos, os dois referenciais não estão conformes. Resulta, pelo conjunto do chaseki, um espaço anisotópico onde coexistem dois topoï orientados um no sentido dos ponteiros de um relógio e o outro no sentido contrário. Entre os dois topoï, há uma ruptura do espaço, uma solução de continuidade, uma variação discreta criadora de uma configuração reconhecida como polêmica entre os atores antropomorfos.

A fim de transformar a situação polêmica e de sobredeterminá-la enquanto situação contratual, constrói-se o pedaço de parede referido: ele separa o chaseki em duas partes distintas e tornadas independentes. A partir daí, há negação da relação polêmica.

Além disso, o pedaço de parede não vai do solo ao teto, nem de parede a parede. Em consequência, ele apenas atualiza a separação sem

realizá-la materialmente. Ele permite então manter a unidade visual e mecânica do conjunto dos lugares, assegurando a unidade contratual e negando a relação polêmica.

O ator separador é o pedaço de parede e seus prolongamentos imateriais nas direções horizontal e vertical. Estas duas direções são, pois, orientadas do cheio para o vazio e constituem um referencial planar em duas dimensões. É o terceiro referencial, comparável ao do recipiente de saquê, e que assegura a transformação de uma situação polêmica em situação contratual. O exame do modo de construção desta parede revela que ela não é simétrica: suas duas faces não são idênticas. Esta dissimetria testemunha a existência da terceira direção do referencial trirretângulo.

A característica de necessidade do pedaço de parede aparece quando se sabe que a cerimônia do chá é um ritual, e que todo ritual transforma as situações polêmicas em situações contratuais. Para apoiar nossa demonstração, dizemos que não existe chaseki "normal" dotado de um tal pedaço de parede e que todos aqueles que possuem um apresentam uma situação polêmica reconhecível a partir da construção de referenciais orientadores¹².

A construção dos referenciais

No caso do recipiente de saquê, o referencial foi construído a partir de invariantes dos deslocamentos desse último. Nós diremos que é um referencial próprio¹³ ou imanente. Para o chaseki e seus topoi constitutivos, nós construímos referenciais a partir de deslocamentos dos atores humanos e da valorização de sua lateralidade. Ora estes deslocamentos são comandados pela arquitetura: basta que a construção tenha uma disposição "inversa" para que teishu e seus convidados sejam levados a inverter os papéis da sua direita e da sua esquerda. Em consequência, os deslocamentos dos homens (e das coisas, como a observação pode mostrar¹⁴) desempenham apenas um papel revelador, e a sobrevalorização de determinadas direções do referencial arquitetônico depende de fato das direções cardiais (Leste, Sul, Oeste, Norte), as quais tiram seu valor de um sistema cosmogônico transcendente. Por causa disso, diremos que os referenciais da arquitetura são referenciais transcendententes. Esta terminologia está conforme com a tradição semiótica que distingue entre o universo imanente da narratividade e o universo transcendente dos destinadores.

Quanto ao referencial do pedaço de parede, ele foi construído a partir de um movimento virtual, prolongando a parede no vazio. Ele pos-

sui então um estatuto complexo: é um movimento próprio, mas não realizado; ele depende da arquitetura, portanto, do conjunto marcado pela transcendência. Este estatuto complexo está em conformidade com o papel de mediador desempenhado pelo pedaço da parede.

Entre os objetos e a arquitetura, nós podemos observar os sujeitos humanos, dotados de seu referencial próprio, manipulando os objetos e se deixando comandar pelos seus modos de deslocamento na arquitetura. Em consequência, a escala topológica de englobante/englobado localizável ao nível da expressão (a arquitetura engloba os homens que podem englobar os objetos) é acrescida de uma cadeia da manipulação no nível do conteúdo: a arquitetura manipula os homens que manipulam os objetos.

Na medida em que o referencial da arquitetura é transcendente e que diz respeito a uma instância superior, esta instância manipuladora aparece como uma figura do destinador sêmió-narrativo. Na mesma ordem de idéias, o referencial humano está ligado a uma instância manipuladora imanente que age sobre os referenciais imanentes dos objetos manipulados. Este segundo estágio de manipulação não dá lugar à liberdade dos homens: na problemática do teísmo, os objetos possuem uma "natureza" de finível em termos de IN/YO (forma japonesa de YIN e de YANG), e não se pode colocá-los senão em função desta natureza tanto em relação ao ambiente arquitetônico como uns em relação aos outros. Em consequência, os homens, manipulando os objetos, são manipulados pela instância transcendente que preside a destinação dos homens e das coisas.

A descrição das figuras desta manipulação passa por aquela das relações espaciais entre as três classes de referenciais verificados, e eles são ainda uma vez em número de três.

Mudança de referencial, debreaagem e enunciação

As seqüências observadas se inscrevem no mundo natural e elas nos forneceram referenciais organizados da mesma maneira, à imagem do referencial do sujeito humano. Nestas condições simples, a passagem de um referencial a outro se faz por mudança de ponto de vista, ou, em termos semioticamente melhor definidos, pelos procedimentos de embreaagem e de debreaagem. É interessante ver que a cadeia de elementos assim detectados é interpretável em termos de manipulação, de onde resultam papéis actanciais clássicos tais como Destinador, Sujeito, Objeto. A aproximação destas duas problemáticas nos permitirá passar à generalização dos resultados.

Se se considera que a cerimônia do chá estudada é um enunciado, a arquitetura que a acolhe e a sobredetermina parece desempenhar o papel de enunciação: com efeito são as posições espaciais que definem as relações de modalidades entre os diversos protagonistas da ação, tanto os atores humanos como os objetos. Podem-se ler, inscritas na arquitetura, relações contratuais e polêmicas definidas antecipadamente pelas posições das pessoas e das coisas¹⁵. Ora, a definição da negociações das relações interpessoais da metacomunicação e, portanto, da enunciação¹⁶. Em consequência, a passagem do referencial humano para o referencial arquitetônico pode ser posta em paralelo com a passagem do enunciado à enunciação. A passagem do referencial humano ao referencial dos objetos pode ser colocada em paralelo com a relação entre o estabelecimento do contrato e a performance, a qual é logicamente idêntica àquela existente entre enunciado e enunciação. Tal "paralelismo" é mais que uma metáfora, demonstrando sua legitimidade. Daí resulta o seguinte: se a recorrência de três referenciais geométricos em todos os casos observáveis pode ser erigida como regra e se as relações entre referenciais podem ser transportos em termos de enunciado e de enunciação, pode-se concluir que o uso dos dois termos somente (i.é., enunciado, enunciação) é insuficiente para dar conta dos fenômenos observáveis no aumento natural, e que é necessário apelar para três termos.

Nós pudemos verificar a validade desta regra sobre todos os casos que nós analisamos. Isto não constitui uma prova, mas uma boa suposição.

Na medida em que ela fornece resultados interessantes sobre objetos discursivos complexos (os de Ampère e Einstein, por exemplo), pode-se estender a hipótese e propor sua utilização para qualquer objeto discursivo. Isto ainda está por ser feito ... (Traduzido por Maria da Graça Krieger e Maria Lília Dias de Castro)

NOTAS

1. Cf. Manar HAMMAD: "Primaute heuristique du contenu", in *Exigences et perspectives de la sémiotique*, recueil d'hommages pour A.J. Greimas, John Benjamins, Amsterdam, 1985.
2. Cf. nossa comunicação no colóquio "Discurso das ciências e práticas da descoberta". Escola Francesa de Roma, 1985. Resumo publicado sob o título "Le bonhomme d'Ampère", in *ACTES SEMIOTIQUES*, Bulletin VIII -33, 1985.
3. Cf. aplicação de nossas teses in Bruno LATOUR "Portrait of Einstein in Greimas", in *Actes du Colloque de Cerisy (1986)* "La description dans les sciences sociales", 1987.

4. Cf. estudo detalhado dos objetos (sua origem e preparação) e das manipulações dessa seqüência in Manar HAMMAD: "L'Expression spatiale de l'énonciation" in Cruzeiro Semiótico, Porto, 1987.
5. No sentido semiótico do termo. Para o conjunto dos metatermos utilizados, o leitor poderá ter como referência a obra: GREIMAS & COURTÈS: Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Hachette, Paris, 1979.
6. O recipiente do saquê (sakêiêre) se assemelha a um bule de chá metálico dotado de um bico vertedor.
7. Foi convencionalizado dizer que um eixo transversal é lateralizado quando couber a distinção direita e esquerda do referido eixo.
8. Não confundir com o referente dos lingüistas e a função referencial reconhecida por certos teóricos da comunicação.
9. Etimologicamente cara a cara.
10. Pode-se demonstrar isso a partir de dados observáveis, mas o lugar falta aqui.
11. Os topos é uma porção de espaço suscetível de desempenhar um papel actancial.
12. Cf. NAKAMURA Shosei: 100 Chaseki, Tankosha, Kyoto, 1982.
13. Como se diz "nome próprio", "vectores próprios".
14. Cf. Manar HAMMAD. "Droite, gauche, taille et rite". In: L'ÉCRIT - VOIR, 1987.
15. Cf. Manar HAMMAD. "L'architecture du thé". In: ACTES SÉMIOTIQUES, Documentos, nº double, jun 1987.
16. Cf. Manar HAMMAD. "L'énonciation: système et procès". In: Langages 70, juin 1983.